

# A minha garganta é uma borboleta

DANÇA

Daniel Tércio

❖ A última peça de Vera Mantero, *O Susto é um Mundo*, teve estreia no Teatro Rivoli, no Porto, e foi apresentada na Culturgest, em Lisboa, no âmbito do festival Alcantara. A partir de Janeiro seguirá para o Teatro Viriato em Viseu e, em Fevereiro, para o Festival Internacional de Dança Contemporânea em Guimarães.

Para fazer jus à última proposta de Vera Mantero, esta crítica deveria ser escrita como um texto concreto, material, com palavras a transformarem-se em objetos, palavras que nasceriam como cogumelos das folhas do jornal, alimentando-se do papel. Mas isso (por enquanto) não é possível. Ainda assim, é possível reconhecer, em cena, palavras, palavras-vozes, sons articulados que fluem a partir de ligações fonéticas, filamentos mágicos, que pulam entre sons. Há sons, sons amplificados mecanicamente reproduzidos, transmitidos por canalizações improvisadas. Há objetos, objetos-atores, com as suas substâncias coloridas, por vezes metálicas, outras vezes

plásticas, feitos de matéria que se dobra em ângulos rígidos, ou maleáveis, ou ainda móveis, sobre rodinhas. Há objetos que rolam, que se aproximam da carne humana. Há corpos humanos, que deambulam, pessoas que se deixam grudar aos corpos-objetos, que os manipulam e se deixam habitar por eles, que gesticulam, que manipulam. Que falam. Que falam palavras que se transformam em objetos. Palavras que nascem como cogumelos na atmosfera da cena. Palavras aprisionadas em altifalantes. Palavras emitidas por altifalantes.

Cena inicial: um corpo-homem deambula entre nuvens de fito plâncton pintadas no linóleo. A seguir, um corpo-mulher dissocia a esquerda da direita, o que está em cima do que está em baixo, enquanto as palavras se arrebatam umas às outras em associações livres. Outro corpo-homem transporta equipamentos sonoros e outro ainda um escadote que tanto pode servir para chegar mais alto como para



O Susto e o Mundo Coreografia de Vera Mantero

esconder território. Um corpo-mulher entra em cena sem saber bem para onde vai. Hum hum. Ah ah. Sem saber o que aquilo é.

Este processo de interrogação exponencial no âmago da máquina do palco e dos movimentos aí acolhidos não é inédito na obra de Vera Mantero. Com efeito, a

criação de sistemas de ligação (coreográfica) entre heterogêneos atravessa o seu trabalho. Para dar dois exemplos, entre outros possíveis: com *Poesia e Selvajaria* (1998), seis corpos entravam em cena, os crânios transformados em coisas excessivas, enquanto uma máquina de lavar roupa

operava no centro do palco; com *As Práticas Propiciatórias dos Acontecimentos Futuros* (2018), os performers manipulavam materiais, alterando o seu estado físico. Também em *O Susto é um Mundo* há manipulação e alteração, questionamento sobre os estados físicos das coisas e emergência de entidades, de máscaras e de vozes. Com efeito, com *O Susto é um Mundo* estamos perante um sistema de relações radicais entre heterogêneos em que a coreografia se desloca para aquém do simples desenho de movimentos. Esta peça torna-se assim, simultaneamente, o reconhecimento do espanto perante as possibilidades que a vida oferece, um jogo que precede as suas próprias regras, uma pesquisa sobre processos de constituição de uma possível materialidade do inconsciente e a assunção de uma diversidade não normativa, de uma diversidade que está constantemente a borbulhar na superfície da terra.

Ao mesmo tempo, a proposta que Vera Mantero nos traz - com a preciosa colaboração de Henrique Furtado Vieira, Paulo Quedas, Teresa Silva e João Bento - acrescenta ironia àquela espécie de dúvida visceral sobre o sentido das coisas e sobre o nosso modo de as habitar. Mas há também, mais do que nunca, uma delicadeza, uma atenção ao gesto, aos seus recortes e ao seu impacto sobre os outros, humanos e não humanos. Algo precioso. ■